



Em conversa com... D. Augusto César Alves Ferreira da Silva

Bispo Emérito de Portalegre - Castelo Branco  
Celoricense que nasceu na Freguesia de Fervença a 15 de março de 1932

*“O senhor não conhece a palavra “não” e “desisto”, eu procuro fazer o mesmo” (D. Augusto César, 11 de setembro de 2016)*

Foi ordenado pároco a 24 de junho de 1960, seguindo de imediato para Moçambique onde desempenhou as funções de missionário ao serviço da Igreja Católica. Atualmente, está em Fátima onde apoia, com maior proximidade, os fiéis.

P: D. Augusto, após a ordenação, qual foi o percurso de V. Excelência?

R: Após ordenação em 1960 segui de imediato para Moçambique. Estive 2 anos num seminário com o meu irmão que também era padre e, na missão dos padres vicentinos, segui, dois anos depois, como reitor, para Quelimane. Terminada a minha missão em Quelimane parti como reitor para o seminário maior Interdiocesano de Lourenço Marques, agora Maputo.

P: E porque é que foi imediatamente para Moçambique?

R: Eu era dos Padres Vicentinos que tinham missões em África, por isso achei que também deveria seguir esse caminho e parti em missão assim que me ordenei.

P: E como é que foi essa experiência enquanto missionário?

R: Foi uma experiência singular, única.

P: D. Augusto César foi ordenado bispo de Tété em 1972, como recorda esse tempo?

R: Eu estive 16 anos em África sendo que, 4 foram passados em Tété, como bispo, no meio da guerra, e essa foi uma experiência que me marcou, onde eu vi tanto sofrimento, tanta dor.

P: Um período conturbado com a independência?

R: Sim, é verdade, um período verdadeiramente difícil. Eu, na minha missão de voluntário, estive no meio desse período conturbado. Em Tété estive 3 anos antes da independência e um 1 depois da independência.

Durante esse período eu era seguido constantemente pela Frelimo de então e tornava-se muito incómodo para evangelizar naquelas circunstâncias tão difíceis.

P: Foi então que pediu para regressar a Portugal?

R: As dificuldades eram, de facto, muitas por isso pedi ao Santo Padre que enviasse um bispo que fosse oriundo de Moçambique, que não chamasse tanta atenção e eu ficaria a ajudá-lo no que fosse preciso. Acharam que não era necessário eu ficar e regressei a Portugal.

P: Foi difícil regressar a Portugal?

R: Gostava de ter ficado por Moçambique porque de facto, naquele lugar vivemos com muita devoção àquele povo. Quanto mais simples é o povo mais aceita tudo aquilo que temos para oferecer, o que a gente dá, num trabalho de verdadeiro serviço. E é curioso como os jovens que agora vão para as missões, muitos deles querem ficar, de forma abnegada, a continuar com a sua missão.

P: E regressado a Portugal, quais foram as funções que exerceu?

R: Regressado a Portugal fiz dois anos de interregno a ajudar comunidades e a fazer um ou outro retiro, depois estive 26 anos em Portalegre e Castelo Branco, numa entrega plena à diocese.

P: Porque decidiu resignar antes dos 75 anos?

R: De facto, quando fazemos 75 anos a Santa Sé dá ordens para que peçamos a nossa resignação. Eu pedi antes, voluntariamente, porque me pareceu que a diocese lucrava mais com um bispo mais jovem que trouxesse uma nova esperança.

P: Emérito desde 2004, continua ligado a Portalegre e Castelo Branco?

R: Sim, sou emérito desde 2004. Em 2003 enviei o meu curriculum ao Santo Padre que me enviou a resposta em 2004 mas, continuo ligado à diocese, até porque sou emérito de Portalegre e Castelo Branco, é a minha família espiritual. Em Celorico tenho a minha família natural.

P: E então, porque decidiu ir para Fátima?

R: Eu podia ficar na diocese ou ir para a congregação dos Padres Vicentinos, mas havia algo que sempre me atraiu a Fátima, o confessionário. Como Bispo, o meu tempo é muito escasso. Eu confessei muito, mas Fátima era diferente. Quando fazia uma peregrinação a Fátima, eu confessava toda a tarde e toda a noite, não tinha horário, estava sempre disponível para confessar e a confissão é um sacramento da misericórdia por excelência e esta disponibilidade para confessar atraía-me particularmente. No início, em Fátima eu estava com muita assiduidade no confessionário geral, agora, com o passar dos anos, as pessoas começaram a vir a minha casa receber esse sacramento.

P: E as pessoas procuram muito esse sacramento?

R: Hoje as pessoas não precisam tanto de se confessar precisam mais de conversar, de falar da sua própria vida, das dificuldades, precisam de uma palavra de conforto que os ajude, que os ampare.

P: E o que levou, na opinião de D. Augusto César, à instituição do Ano da Misericórdia, pelo Papa Francisco?

R: O Papa João Paulo II já tinha falado muito na Misericórdia de Deus, e o Papa João XXIII abriu o concílio precisamente para falar à igreja sobre quem é o Deus que nós devemos pregar, falar, e nós não podemos falar de cabeça temos de falar com a vida e a misericórdia é isso. Sabe, eu não sei nada de Deus senão olhando para Jesus Cristo, e Jesus Cristo, como é que se manifesta? Por exemplo, quando eu vejo estes *jheadista* a apontar as armas, eu imediatamente desvio os meus olhos para o calvário e vejo que

Jesus faz exatamente o contrário. Eu nunca ouvi falar tão mal do profeta Maomé como agora com estas atitudes, um profeta não é isto, nem pode ser isto.

De facto, o Papa Francisco que vem de um ambiente mais simples, mais terra a terra do que Roma, que estava muito habituado o andar de autocarro, a juntar-se com os pobres e tudo mais e, fazendo a leitura do momento presente em que a igreja vive, e a manifestação que a igreja deve fazer de si mesma, achou que era necessário falar da Misericórdia de Deus, e Jesus Cristo é o rosto de Deus e a Misericórdia do mesmo Deus.

P: Vive-se numa sociedade pouco misericordiosa e cada vez mais materialista?

R: Nós precisamos do dinheiro, mas não podemos fazer do dinheiro, tudo! Com o dinheiro compram-se coisas, pessoas, armas, não podemos fazer isso.

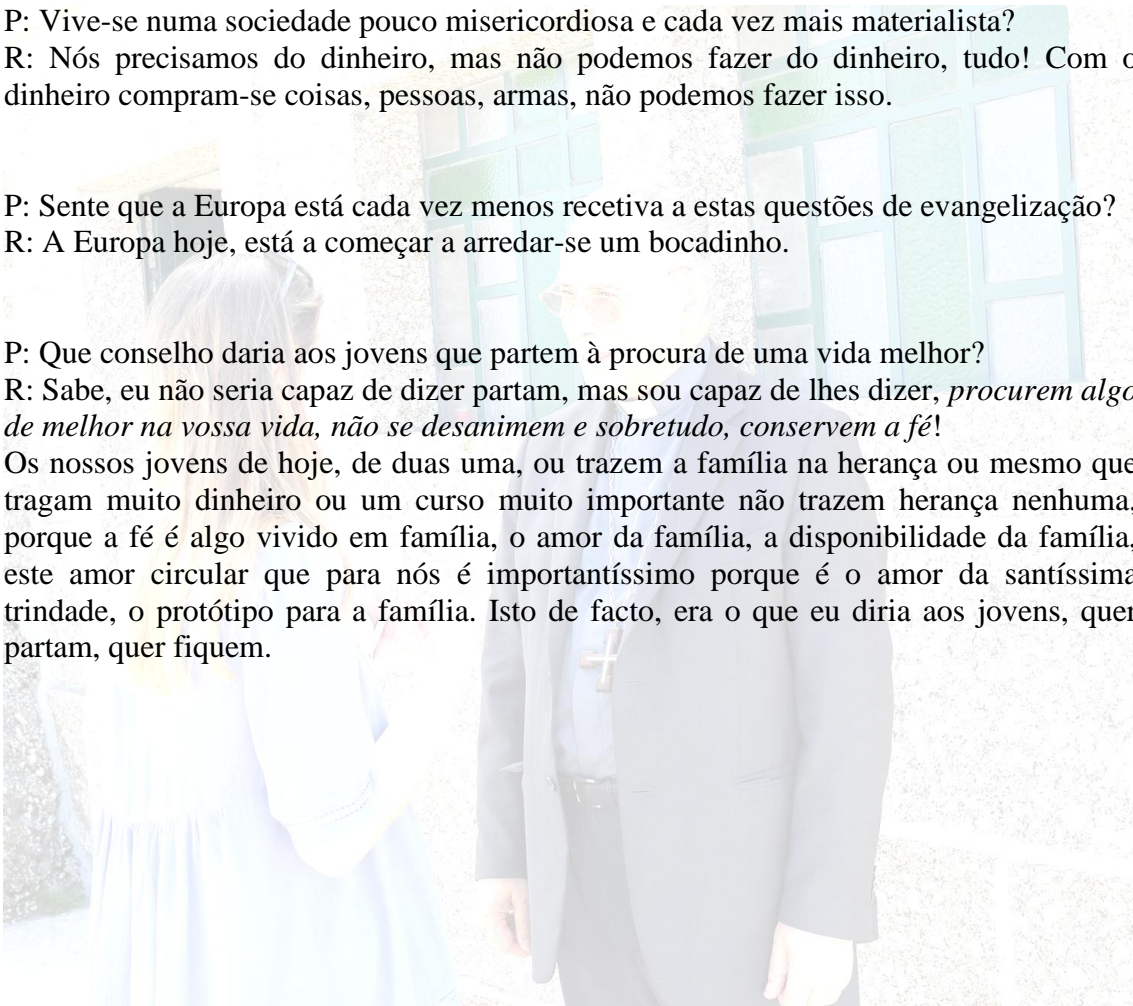
P: Sente que a Europa está cada vez menos receptiva a estas questões de evangelização?

R: A Europa hoje, está a começar a arredar-se um bocadinho.

P: Que conselho daria aos jovens que partem à procura de uma vida melhor?

R: Sabe, eu não seria capaz de dizer partam, mas sou capaz de lhes dizer, *procurem algo de melhor na vossa vida, não se desanimem e sobretudo, conservem a fé!*

Os nossos jovens de hoje, de duas uma, ou trazem a família na herança ou mesmo que tragam muito dinheiro ou um curso muito importante não trazem herança nenhuma, porque a fé é algo vivido em família, o amor da família, a disponibilidade da família, este amor circular que para nós é importantíssimo porque é o amor da santíssima trindade, o protótipo para a família. Isto de facto, era o que eu diria aos jovens, quer partam, quer fiquem.



*Celorico de Basto, terra onde nasci*

P: Qual a ligação de D. Augusto César a Celorico de Basto?

R: Nasci aqui, tenho no cemitério os meus pais e os meus avós, estive lá antes de vir para este Santuário. Os meus irmãos, o mais velho está em Borba da Montanha, porque a esposa é de lá e o do meio está no Brasil, é sacerdote e foi para o Brasil quando veio de Moçambique. Eu de facto, venho pouco a Celorico, a Fervença, à minha terra, porque não tenho tempo. Quando estava vivo o padre Moreira Dias eu vinha mais vezes até porque ele estava bastante mal e não falava e eu, vinha até para animar os irmãos e as irmãs que estavam com ele, aliás um deles foi meu colega de seminário, não no mesmo seminário, eu no seminário missionário e ele em Braga. Sou muito amigo da família e vinha mais vezes. Agora, com os trabalhos que me dão realmente, e como a minha idade já diz que o repouso será uma das condições que eu devo praticar, tenho que ter isso em atenção! Mas enquanto eu puder eu quero ajudar, em retiros, em celebrações, no que precisarem de mim, e sobretudo porque os sacerdotes estão muito ocupados e precisam sempre de quem os ajude nesta nossa missão.

Antigamente um padre tinha uma paróquia, agora tem quatro ou 5 ou mais, por isso é normal que me peçam para ajudar e enquanto eu puder, porque o senhor não conhece a palavra “**não**” e **desisto**”, eu procurarei fazer o mesmo.

P: Como vê a evolução de Celorico de Basto?

R: Não posso dizer muito porque não tenho tido muito contacto. Tenho familiares, em Carvalho, e um primo meu trouxe-me aqui a este santuário, um local que eu conheço muito bem. A minha avozinha que morreu com 90 anos rezava todos os dias à nossa senhora do Viso para que nos concedesse o juizinho até à hora da morte. Da senhora do Calvelo vê-se muito bem a senhora do Viso. É para mim uma alegria ver como têm procurado conservar este santuário. Da vila de Celorico, a sede do concelho, lembro-me que era muito pobre, tinha uma rua principal e mais nada. Agora com a nova Câmara e a biblioteca e aquele ambiente que criaram, de cultura, de aproximação com as populações, a vila ganhou outro significado, outra importância, outra valorização.

*“Sou emérito de Portalegre e Castelo Branco, é a minha família espiritual” D. César Augusto, 11 de setembro de 2016*

*Gabinete de Comunicação em entrevista com D. Augusto César Alves Ferreira da Silva, Bispo Emérito de Portalegre – Castelo Branco, Natural de Celorico de Basto Freguesia de Fervença.*

*Santuário de Nossa Senhora do Viso, Caçarilhe, Celorico de Basto, 11 de setembro de 2016*

*(Entrevista cedida após as cerimónias religiosas)*

